

*

Relacionam-se com o mau olhar os adágios: a) *Farinha apurada, não t'a veja sogra nem cunhada*; b) *Obra começada, não t'a veja sogra nem cunhada*; c) *Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé dele morou*; e, também o ditado: *Bons olhos o vejam, e os maus cegos sejam*, e as locuções: *Fazer figas* e *Ter olhos de basilisco*.

Hespanhol: *Ojos malos, á quien los mira pegan su malatia*.

XL

Cozinha gorda, testamento magro

Variantes: a) *Boa mesa, mau testamento*; b) *Cozinha cheia, algibeira vazia*; c) *Cozinha pequena, faz a casa grande*; d) *Panela magra, testamento gordo*.

A doutrina destes adágios é idêntica à do *Velho Testamento*, *Provérbios*, XXI, 17: *Qui diligit epulas, in egestate erit: qui amat vinum, & pinguis, non ditabitur*.

Alemão: *Kleine Küche macht grosses Haus*.

Franceses: a) *Grande cuisine, petit testament*; b) *Grand chère, maigre testament*; c) *Petite cuisine, grande maison*; d) *Grasse cuisine fait maigre testament*.

Hespanhol: *Á buena olla, mal testamento*.

Inglês: *A fat kitchen makes a lean will*.

Italianos: a) *Grassa cucina, magro testamento* (Toscana); b) *Cucina grassa, magru tistamentu* (Sicília) ¹.

XLI

Despedir-se à francesa

Retirar-se sem cumprimentar nem dar satisfação; retirar-se a ocultas, às escondidas.

«Sairemos de improviso,
Despedidos à francesa».

(Nicolau Tolentino, *Obras*, Lisboa, 1861, pág. 242).

¹ Pitre, *Proverbi Siciliani*.

O *Almanaque Bertrand*, de 1907, pág. 104, comenta assim esta locução: «Parece um paradoxo que, sendo os franceses gente tão fina e dada aos extremos da mais requintada cortesia, digamos que uma pessoa se *despediu à francesa*, porque se separou de nós sem nos avisar nem se despedir de maneira nenhuma. O contra-senso tem sua explicação, a-pesar de tudo. No século XVIII, tornou-se moda em França o não se despedir de ninguém quando se abandonava uma reunião. Cada época tem os seus costumes, e o que hoje constitui uma grosseria, era então prova de fineza e acto exigido pela etiqueta. Interromper a reunião para se despedir, era considerado como falta de educação; o mais que se permitia era consultar o relógio como para indicar aos presentes que se estava forçado, bem contra vontade, a abandonar tão agradável companhia. De França o costume passou ao resto da Europa, e durante algum tempo esteve na ordem do dia em todas as salas, conhecendo-se sempre com o nome de *despedida à francesa*. Hoje, que a que dantes indicava cortesia, indica falta dela, os franceses não estão de acôrdo em que se lhes atribua a invenção, e adoptaram a frase *se retirer à l'anglaise* (despedir-se à inglesa) para significar exactamente a mesma coisa».

O *Almanaque Bertrand* reproduz, no trecho citado, a versão mais corrente entre nós e que melhor se adapta à forma portuguesa. Todavia, como no trecho transcrito se observa, os franceses repudiam a paternidade do costume originário da locução, atribuindo-o aos ingleses. Efectivamente, o dicionário de Larousse, vb. «Angleterre», insere a locução *s'en aller* ou *filer à l'anglaise*, e indica-lhe a mesma causa (referida aos ingleses, é claro) nos seguintes termos: «Cette locution vient de ce que, dans les bals, les soirées, la coutume était depuis longtemps établie, en Angleterre, de se retirer sans aller saluer le maître ou la maîtresse de la maison, tandis que l'obligation contraire for gênante, régnait en France».

Os franceses dizem, ainda: *Partir à l'anglaise*.

Por sua parte, os ingleses usam a frase: *to take french leave*.

Vão lá entendê-los!

Para nós, portugueses, o ditado tem sido, e é, inalteravelmente, *despedir-se à francesa*, forma também usada pelos hespanhóis, que dizem: *despedirse á la francesa*.